

## AUTOETNOGRAFIA E RETORNO ÀS ORIGENS: MEMÓRIAS DE MEU BISAVÔ ATIKUM-UMÃ <sup>1</sup>

Carlos Henrique Nunes Limeira<sup>2</sup>  
Ana Carolina Fialho de Abreu<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho utiliza a autoetnografia para narrar as experiências de um jovem indígena universitário Atikum-Umã de Pernambuco, destacando resistência, memória e ancestralidade. A pesquisa qualitativa envolveu revisão bibliográfica e entrevistas com os pais do autor e o cacique Antônio Francisco da Silva, amigo de seu bisavô, na aldeia Boa Vista. O retorno às origens iniciou-se na universidade, ao ouvir histórias do bisavô Pedro Cadé Limeira Santos, que viveu na Serra Umã e migrou por necessidade e conflitos. Reconhecido na aldeia, o autor retomou vínculos, participando do toré e reuniões. A autoetnografia mostra-se metodologia para entrelaçar o pessoal e o coletivo, afirmando a existência indígena e fortalecendo a transmissão cultural. O trabalho busca também desmistificar estereótipos sobre povos originários em aulas de Arte, promovendo respeito à diversidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atikum-Umã; Autoetnografia; Memória; Ancestralidade; Resistência.

### AUTOETHNOGRAPHY AND RETURN TO THE ORIGINS: MEMORIES OF MY ATIKUM- UMÃ GREAT-GRANDFATHER

### ABSTRACT

This work employs autoethnography to narrate the experiences of a young Indigenous university student from the Atikum-Umã people of Pernambuco, highlighting resistance, memory, and ancestry. The qualitative research included bibliographic review and interviews with the author's parents and Chief Antônio Francisco da Silva, a friend of his great-grandfather, in Boa Vista village. The return to origins began at university, upon hearing stories of his great-grandfather Pedro Cadé Limeira Santos, who lived in Serra Umã and migrated due to need and conflicts. Recognized in the village, the author reestablished ties, joining *toré* rituals and meetings. Autoethnography emerges as a methodology to intertwine the personal and the collective, affirm Indigenous existence, and strengthen cultural transmission. The work also seeks to demystify stereotypes about Indigenous peoples in Art classes, fostering respect for diversity.

**KEYWORDS:** Ancestry; Atikum-Umã; Autoethnography; Memory; Resistance.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

<sup>2</sup> Discente do Curso de Odontologia da Universidade Estadual da Bahia, Campus Jequié. Voluntário do Programa de Educação Tutorial Institucional (PETI) em Direitos Humanos da UESB.

<sup>3</sup> Orientadora do presente trabalho de iniciação científica. Docente do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual da Bahia, Campus Jequié. Tutora do Programa de Educação Tutorial Institucional (PETI) em Direitos Humanos da UESB.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é escrito por um jovem indígena do povo Atikum-Umã do sertão de Pernambuco<sup>4</sup>. Sou Carlos Henrique Nunes Limeira, estudante do curso de Odontologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e não escrevo sozinho, nele compartilho os conhecimentos ensinados a mim e a outros parentes, como saberes coletivos que nos foram dados pelos mais velhos/as. Este trabalho nasce meio a um processo em que ouço com atenção as histórias sobre meu bisavô Pedro Cadé Limeira Santos (Atikum-Umã) contadas por meu pai, por minha mãe e o meu reencotro na aldeia, através de pesquisa de campo, com o cacique Antônio Francisco da Silva (Atikum-Umã) que foi amigo de meu bisavô.

Aprender com as oralidades e memórias dos antigos é um processo que envolve relações de resistências, afetos e cuidados (Soares, 2022), desta forma, o objetivo deste trabalho é, a partir da autoetnografia, ao narrar as minhas experiências pessoais, como jovem indígena e universitário, compartilhar as histórias e os processos de resistência, memória e ancestralidade do meu povo. Como ressalta Krenak (2020), o ato de contar nossas próprias histórias é também um ato político de afirmação da existência indígena frente a séculos de colonização.

Este trabalho busca também servir de pré-texto<sup>5</sup> para que estudantes do curso de Licenciatura em Teatro da UESB possam através de histórias de vida indígenas, ensinar sobre as culturas dos povos originários nas aulas de Arte nas escolas para desmistificar estereótipos e promover o respeito às diversidades dentro das instituições de ensino.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou análise bibliográfica e a abordagem metodológica da autoetnografia. A pesquisa de campo envolveu a coleta de dados por meio de conversas e entrevistas semiestruturadas com os meus pais Carmelita Nunes da Silva Santos, Valmir Limeira Santos e com o cacique Antônio Francisco da Silva (Atikum-Umã) na aldeia Atikum-Umã Boa Vista na cidade de Carnaubeira da Penha, Pernambuco. Para a pesquisa bibliográfica foi feito um mapeamento de produções acadêmicas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações<sup>6</sup> (BDTD), usando o descritor: Atikum-Umã. Os filtros aplicados

---

<sup>4</sup> A história do povo Atikum é marcada por processos de resistência frente à colonização, perseguições e deslocamentos forçados, trata-se de uma grupo indígena que vem preservando sua identidade cultural mesmo diante de intensas pressões externas (SILVA, 2024). O povo Atikum teve suas terras demarcadas em 1993, na Serra de Umã, no município de Carnaubeira da Penha, mas o início do processo de reconhecimento oficial iniciou-se nos anos de 1940.

<sup>5</sup> O pré-texto é o roteiro, história ou texto que fornecerá o ponto de partida para iniciar o processo dramático e improvisacional que funciona para orientar a seleção e identificação das atividades e situações que serão exploradas cenicamente nas aulas de teatro nas escolas (CABRAL, 2012).

<sup>6</sup> A escolha pela BDTD ocorre por este repertório possuir mais de 758.548 dissertações e 305.626 teses

incluíram pesquisas publicadas nos últimos três anos, leitura dos títulos, leitura dos resumos e exclusão dos estudos cujo objeto se distanciasse do que era almejado.

Vale ressaltar que a autoetnografia tem se consolidado como uma importante metodologia para narrar experiências pessoais que se entrelaçam com histórias coletivas, sobretudo em contextos de povos originários (Soares, 2022). A dissertação de Graça Atikum (SILVA, 2024), identificada na pesquisa bibliográfica, evidencia a importância das relações intergeracionais como forma de transmissão e atualização dos saberes, ao afirmar que “os mais velhos e as mais velhas, abelhas mestres mais experientes na luta, precisam transmitir os conhecimentos e ensinar os segredos para as abelhas miúdas, que são hoje as crianças, adolescentes e jovens” (SILVA, 2024, p. 13).

Assim, penso que escrever sobre mim (sendo eu uma abelha miúda) não é apenas um exercício autobiográfico, mas uma forma de continuar e fortalecer essa corrente de transmissão cultural de minhas abelhas mestres e contribuir com a valorização da identidade Atikum-Umã, ocupando os espaços acadêmicos, também com narrativas próprias.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Escrever com os parentes mais velhos, em tarefa coletiva, é visibilizar nossos pensamentos e memórias através da escuta. Minha mãe, Carmelita, 49 anos, nascida e criada na roça, é guerreira, dedicada, dona de casa, criadora de ovelhas, galinhas e agricultora. Dela aprendi que feijão e milho a gente planta no inverno para não perder na seca do verão. Ela completou o ensino médio após meu nascimento e até deu aula para uma turma do fundamental na zona rural. Atualmente, ela segue na roça, plantando e colhendo feijão e milho. Meu pai, Valmir, 54 anos, é sincero, agricultor e cria gado, cavalo, ovelha e bode. Ele cresceu ajudando meu avô nas plantações de tomates. Hoje, ele continua na roça, cuidando dos animais e participando da “pega de boi no mato” nos finais de semana. Meu pai estudou até o fundamental.

Eu nasci em Salgueiro, Pernambuco, uma cidade de porte médio com hospital mais adequado para o parto. Logo depois do parto, retornamos para a Fazenda Curral Queimado, localizada a 18 km de Mirandiba, uma cidade pequena com cerca de 15 mil habitantes. O povo Atikum-Umã se localiza sobretudo em Carnaubeira da Penha, Mirandiba e Salgueiro. Na infância, eu era traquino, mas sempre ajudava meu pai nos afazeres rurais, acordando ao amanhecer para tirar leite das vacas.

Aos 18 anos, fui aprovado e iniciei o curso de Direito em uma universidade privada de Serra Talhada, Pernambuco. Ao ver um anúncio sobre descontos na mensalidade para quem

---

(verificados até junho de 2025) ao decorrer de 20 anos de existência.

se enquadrasse nas cotas indígenas, quilombolas ou de escola pública, lembrei-me que meu bisavô, Pedro Cadé Limeira Santos, era indígena do povo Atikum-Umã da aldeia Boa Vista, na Serra Umã, no município de Carnaubeira da Penha.

## CONCLUSÕES

Em conversa com o cacique Antônio, ele relatou que meu bisavô nasceu e morou mais de trinta anos na Serra Umã, tendo filhos lá. Contudo, muitos saíram do território indígena por necessidade: “muita gente saiu para fora do território porque passava fome. Não tinha de que viver, nem tinha escola, não tinha nada. Até água era difícil para a gente beber aqui”. A saída dos meus parentes, os Limeiras, da Serra para o Curral Queimado, “foi de cortar o coração”, mas meu bisavô “sempre fazia uma visita aqui e tinha gente aqui na terra”. Sua partida também se deu por uma desavença entre primos. Um deles, segundo o cacique, “gostava de escornar muito o povo” e só pensava em si, sem querer ajudar os outros. Por isso, meu bisavô foi embora. Como agricultor e lavrador, ele desejou comprar uma terra na Fazenda Curral Queimado, deslocando-se da Serra Umã para essa nova moradia em Salgueiro. Essa descendência que se afastou ficou sem reconhecimento, mas agora essas pessoas também foram reconhecidas. Após conversar com meus pais sobre minha descendência indígena, desloquei-me com eles até a região da aldeia, onde fui reconhecido e recebi minha declaração.

Concluo esta pesquisa relatando que esse marco deu início à minha aproximação com as minhas origens. Comecei a frequentar as reuniões e participar do toré<sup>7</sup>. Conheci outras pessoas de descendência indígena que me falaram sobre a UESB, naquele momento surgiu meu interesse em entrar na UESB, finalmente me desloquei até a Bahia para realizar o Vestibular e aqui estou realizando os meus estudos.

## REFERÊNCIAS

CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. *Drama como método de ensino*. São. Paulo: Hucitec, 2012.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SILVA, Maria das Graças da (Graça Atikum). *“Trabalhar abelha miúda, ciência da abelha mestre”: as relações intergeracionais do povo indígena Atikum-Umã no sertão de Pernambuco, Brasil (1993-2005)*. 2024. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará,

---

<sup>7</sup> O toré, ritual coletivo praticado por diferentes povos do Nordeste, possui um papel central nesse processo. Para os Atikum, o toré articula a espiritualidade, a corporeidade e a identidade coletiva, reafirmando a ligação com os encantados e com a jurema sagrada (SILVA, 2024). Como lembra Graça Graúna (2013), a poesia, o canto e o corpo são formas de resistência, pois carregam em si a ancestralidade e a memória dos povos indígenas.

Fortaleza, 2024.

SOARES, A. M. P. S. A autoria coletiva e a autoetnografia: experiências em antropologia com as parentas Karipuna do Amapá. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, 2022.